

guerreiros da tempestade

bernard cornwell

Tradução de Neuza Faustino



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

TOPONÍMIA

A ortografia dos nomes de lugares na Inglaterra anglo-saxónica era incerta, sem consistência ou acordo sequer acerca dos próprios nomes. Assim sendo, Londres, por exemplo, é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwic, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida que haverá leitores que preferam ver outras versões dos nomes na lista abaixo apresentada, mas por norma empreguei a ortografia utilizada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* ou no *Cambridge Dictionary of English Place-Names* para os anos mais próximos ou mesmo para o próprio reinado de Alfredo (871-899 d.C.), se bem que nem mesmo esta solução seja a ideal. Em 956, o nome da ilha Hayling tanto era escrito Heilincigae como Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui sempre consistente: preferi a forma moderna de Nortúmbria a Norðhymbraland, de modo a não sugerir que as fronteiras do reino antigo coincidissem com as do moderno condado. Portanto, tal como a ortografia dos nomes, esta lista é caprichosa.

Æsc's Hill	Ashdown, Birkshire
Alencestre	Alcester, Warwickshire
Beamfleot	Benfleet, Essex
Bebbanburg	Castelo de Bamburgh, Nortúmbria
Brunanburh	Bromborough, Cheshire
Cair Ligualid	Carlisle, condado da Cúmbria
Ceaster	Chester, Cheshire
Cent	Kent
Contwaraburg	Canterbury, Kent
Cumbraland	Condado da Cúmbria
Dunholm	Durham, condado de Durham
Dyflin	Dublin, Irlanda

Eads Byrig	Eddisbury Hill, Cheshire
Eoferwic	York, Yorkshire
Gleawecestre	Gloucester, Gloucestershire
Hedene	Rio Eden, condado da Cúmbria
Horn	Höfn, Islândia
Hrothwulf (quinta de)	Rocester, Staffordshire
Jorvik	York, Yorkshire
Ledecestre	Leicester, Leicestershire
Liccelfeld	Lichtfield, Staffordshire
Lindcolne	Lincoln, Lincolnshire
Loch Cuan	Strangford Lough, Irlanda do Norte
Lundene	Londres
Mærse	Rio Mersey
Mann	Ilha de Man
Sæfern	Rio Severn
Strath Clota	Strathclyde, Escócia
Use	Rio Use
Wiltunscir	Wiltshire
Wintanceaster	Winchester, Hampshire
Wirhealum	Wirral (península), Cheshire

Guerreiros da Tempestade
é para
o Phil e o Robert





PRIMEIRA PARTE
AS CHAMAS SOBRE O RIO

Havia fogo na noite. Um fogo que cauterizava o céu e empalidecia as estrelas. Um fogo que formava fumo espesso sobre a terra entre os rios.

Finan acordou-me.

— Temos problemas — foi só o que me disse.

Eadith mexeu-se e eu afastei-a de mim.

— Fique aí — disse-lhe, e rolei para fora da manta em velo. Tateei à procura de uma capa em pele de urso e coloquei-a ao redor dos meus ombros, antes de seguir Finan para a estrada. Era uma escuridão sem lua, apenas havia as chamas refletidas na faixa de fumo que flutuava no vento da noite para o interior das terras. — Precisamos de mais homens na muralha — falei.

— Já os pusemos lá — confirmou Finan.

Portanto, apenas me restava praguejar. E praguejei.

— É Brunanburh — disse Finan sombriamente, e tornei a praguejar.

Havia pessoas a acorrerem a Ceaster, juntando-se na rua principal. Eadith vinha da casa até nós, envolvida num grande manto, o cabelo ruivo a refletir a luz das lanternas que ardiam junto à porta da igreja.

— Que se passa? — perguntou, sonolenta.

— Brunanburh — respondeu-lhe Finan em tom sombrio, e Eadith benzeu-se. Vislumbrei o seu corpo nu, quando ela fez deslizar a mão de debaixo do manto e a levou à testa, depois voltou a apertar o tecido de lã em redor da cintura.

— Loki — proferi o nome em voz alta. É o deus do fogo, o que quer que digam os cristãos. E Loki é, entre os deuses, o mais esquivo, um mágico que nos engana, encanta, trai e magoa. O fogo é a arma dele de dois gumes e pode aquecer-nos, cozinhar os nossos alimentos, chamuscar ou queimar-nos. Toquei no símbolo do martelo de Thor que trazia em redor do pescoço. — O Æthelstan está lá — acabei por dizer.

— Esperemos que esteja vivo — falou Finan.

Não havia nada a fazer, naquela escuridão. A viagem até Brunanburh demorava cerca de duas horas a cavalo e, nesta noite escura, demoraria

ainda mais tempo, porque estaríamos a avançar aos tropeções por entre o bosque, possivelmente a cavalgarmos na direção de uma emboscada preparada pelos homens que haviam ateado o fogo na fortaleza distante. Tudo o que podia fazer era observar a partir da muralha de Ceaster, não fosse ocorrer um ataque ao nascer do dia.

Não temia o ataque. A fortaleza de Ceaster fora construída pelos romanos e era tão segura como qualquer outra na Bretanha. Os homens do Norte teriam de atravessar a vala inundada e colocar escadas contra a muralha alta em pedra para subir, e os nórdicos sempre tiveram relutância em atacar fortalezas. Porém, Brunanburh encontrava-se em chamas e ninguém sabia o que o alvorecer nos poderia proporcionar de improvável. Tratava-se da nossa fortaleza mais recente, mandada construir por Æthelflæd, que governava a Mércia, e destinava-se a guardar o rio Mærese, que oferecia aos barcos do Norte um acesso fácil ao centro da Bretanha. Em anos idos, o Mærese fora um rio com muita agitação, os remos a mergulharem e a ressurgirem, as embarcações com cabeças de dragão a ser impelidas contra a corrente, a fim de trazerem novos guerreiros à luta interminável entre os homens do Norte e os saxões, contudo, Brunanburh acabara com esse tráfego. Mantínhamos lá uma frota de doze barcos, as suas tripulações eram protegidas pela muralha grossa em madeira e os nórdicos tinham aprendido a temer aquelas embarcações. Agora, quando desembarcavam na costa ocidental da Bretanha, dirigiam-se para Gales ou, então, para Cumbraland, para aquele país agreste e selvagem a norte do Mærese.

Exceto naquela noite. Naquela noite havia fogo junto ao rio.

— Vá vestir-se — ordenei a Eadith. Ninguém mais dormiria naquela noite.

Levou a mão à cruz incrustada com esmeraldas que trazia em redor do pescoço.

— Æthelstan — disse num tom suave, como quem ora, enquanto fazia passar a cruz pelos dedos. Ela gostava do rapaz.

— Ele está vivo ou morto, — falei secamente, — e não o saberemos antes do amanhecer.

Partimos a cavalo ao encontro da alvorada, cavalgámos para norte, nos contornos da luz que chegava, seguindo pelo caminho pavimentado, através das sombras do cemitério de mortos romanos. Levava comigo sessenta homens, todos eles montados em cavalos leves e céleres, para que, caso fôssemos ao encontro de um exército de homens do Norte a uivarem, pudssemos escapar. Enviei batedores à nossa frente, porém estávamos com

pressa, pelo que não havia tempo para tomarmos a precaução habitual de esperarmos pelo relato deles antes de avançarmos. Abandonámos a estrada romana para continuarmos pelo trilho que traçáramos através da floresta. Formavam-se nuvens vindas de ocidente e chuviscava, contudo, o fumo continuava a erguer-se à nossa frente. Talvez a chuva extinguisse o lume de Loki, mas não aqueles chuviscos que pareciam acenar-nos e zombar de nós.

Então saímos do bosque e chegámos ao local onde os campos se transformavam em vastos charcos de lama que se misturavam com o rio, e ali, ao longe, a oeste de nós, naquela faixa de água prateada, encontrava-se uma frota. Eram vinte a trinta barcos, talvez mais, era impossível calcular, uma vez que estavam ancorados muito juntos uns dos outros; porém, mesmo longe, pude ver que as suas proas exibiam as figuras animalescas, simbólicas para os nórdicos: águias, dragões, serpentes e lobos.

— Santo Deus — disse Finan com espanto.

Apressámo-nos, percorrendo, agora, o caminho de cabras que serpenteava por terrenos mais altos, junto à margem sul. O vento soprava-nos no rosto, com rajadas repentinas que agitavam as águas do Mærse. Continuávamos a não poder avistar a fortaleza de Brunanburh, uma vez que se situava atrás de uma elevação de terra arborizada, mas um movimento súbito na extremidade do bosque traiu a presença de homens ali, e os meus dois batedores viraram os cavalos e galoparam de volta, para junto de nós. Quem quer que os tivesse deixado alarmados desapareceu por entre a vegetação espessa e, momentos depois, soou um corno, um som triste a perpassar a alvorada cinzenta e húmida.

— Não é a fortaleza que está a arder — disse Finan titubeante.

Em vez de lhe responder, desviei-me do trilho para o meio das enormes pastagens. Os dois batedores aproximavam-se de mim, os cascos dos seus cavalos a levantarem pedaços de solo húmido à sua passagem.

— Há homens entre as árvores, senhor! — gritou um deles. — São pelo menos vinte, provavelmente mais!

— E prontos para a luta — relatou o outro.

— Prontos para a luta? — indagou Finan.

— Escudos, elmos, armas — explicou o segundo batedor.

Liderei os meus sessenta homens em direção a sul. O cinturão do bosque novo erguia-se como uma barreira entre nós e Brunanburh e, se algum inimigo se encontrava à espreita, estaria certamente a barrar o trilho. Se o seguíssemos, poderíamos muito bem ver-nos face a face com a barreira de escudos deles, escondida entre o arvoredado, porém, ao cortarmos e

seguirmos pelo interior das terras, obrigávamo-los a moverem-se, a perderem a sua ordem, e, como tal, apressei a cavalgada, esporeando o meu cavalo para um galope. O meu filho alcançou-me pela esquerda.

— Não é o forte que está a arder! — gritou.

O fumo estava a tornar-se menos espesso, porém, por detrás das árvores, continuava a subir um rasto cinzento e a misturar-se com as nuvens. Parecia vir do rio, e eu suspeitava que o meu filho e Finan tivessem razão e que não era o forte que ardia, mas sim os barcos. Os nossos barcos. Mas como chegara o inimigo até eles? Se tivessem vindo em plena luz do dia, teriam sido avistados e os defensores da fortaleza teriam tripulado as embarcações e enfrentado o atacante; virem de noite afigurava-se impossível. O Mærse apresentava-se sombrio e barricado por bancos de lama e não havia capitão que esperasse conseguir entrar com o seu barco até ao interior daquelas terras por essa via, menos ainda na escuridão de uma noite sem luar.

— Não é o forte que está a arder! — gritou Uhtred novamente na minha direção. Na boca dele tal soava como uma boa notícia, porém eu temia que a fortaleza tivesse caído sob o jugo do inimigo e que as suas madeiras robustas protegessem agora uma horda de homens do Norte. Porque haveriam de pôr em chamas aquilo que poderia tão bem defendê-los?

O solo elevava-se. Não avistei qualquer inimigo no topo das árvores, o que não significava que não se encontravam lá. Quantos seriam? A tripulação de trinta barcos? Isso daria facilmente mil homens, e eles deveriam saber que cavalgaríamos ao encontro deles a partir de Ceaster. Fosse eu o líder do inimigo, estaria simplesmente à espera além das árvores, o que me sugeria que abrandasse o nosso avanço e enviasse de novo os batedores à nossa frente, mas, ao invés disso, estoquei o meu cavalo com os calcanhares. Trazia o escudo às costas e aí o deixei. Apenas desfivelei a Bafo de Serpente na sua bainha. Estava irritado e descuidado, porém o instinto dizia-me que não havia qualquer inimigo à nossa espera atrás da linha do bosque. Talvez nos tivessem esperado a meio do trilho, mas ao atravessarmos as terras na nossa montada havíamos-los desconcertado e deixado com pouco tempo para a formação de uma nova barreira de escudos, nos terrenos mais altos. O cinturão de árvores continuava a esconder o que havia além delas, e eu dei a volta ao cavalo e tornei a cavalgar para ocidente. Entrei na vegetação, curvei-me para passar debaixo de um ramo e permiti que o cavalo escolhesse o caminho através do bosque, e, pouco depois, encontrava-me do outro lado das árvores. Puxei as rédeas, abrandando, observei, parei.

Nenhum inimigo.

Os meus homens avançaram forçadamente por entre a vegetação e colocaram-se junto de mim.

— Graças a Deus — disse Finan.

O forte não havia sido tomado. A bandeira que exibia o cavalo branco da Mércia continuava a adejar ao vento por cima da muralha, tal como a bandeira de Æthelflæd com o ganso. Um terceiro estandarte pendia sobre aquele muro de pedra, aquele que eu mandara tecer e bordar pelas mulheres de Ceaster. Exibia o dragão do Wessex com um relâmpago na garra erguida. Era o símbolo de Æthelstan. O rapaz pedira-me para ter a cruz cristã na sua bandeira, mas eu ordenara que se bordasse ali o relâmpago, em vez da cruz.

Eu chamava-lhe rapaz, mas, na verdade, Æthelstan era já um homem de catorze ou quinze anos de idade. Adquirira uma estatura alta e a sua irreverência infantil havia sido amainada pela experiência. Havia homens que o queriam ver morto, ele sabia disso, e os seus olhos tinham-se tornado atentos. Era igualmente bem-parecido, assim pelo menos o dizia Eadith, com aqueles olhos cor de cinza atentos num rosto marcante emoldurado por um cabelo tão negro quanto a asa de um corvo. Eu chamava-lhe príncipe Æthelstan, enquanto aqueles que o queriam morto o chamavam de bastardo.

E muitas pessoas acreditavam nas mentiras deles. Æthelstan era filho de uma mulher bonita de Cent, que morrera ao dá-lo à luz, porém o pai era Eduardo, filho do rei Alfredo e agora, ele próprio, rei de Wessex. Eduardo casara, entretanto, com uma jovem saxã ocidental e tornara-se pai de outro filho, o que fazia de Æthelstan uma inconveniência, especialmente por correr o boato de ele, na verdade, não ser um filho bastardo, porque Eduardo desposara a rapariga de Cent. Verdade ou não, e eu dispunha de certezas acerca desse primeiro matrimónio, era indiferente, uma vez que para muitos homens no reino do seu pai Æthelstan figurava o filho indesejado. Não fora criado e educado em Wintanceaster como os outros filhos de Eduardo, mas, ao invés, havia sido enviado para a Mércia. Eduardo professava amar o rapaz, porém ignorava-o e, na realidade, a existência de Æthelstan causava-lhe constrangimentos. Era o filho mais velho do rei, o príncipe herdeiro, porém havia um meio-irmão mais novo, cuja mãe vingativa desejava a morte de Æthelstan, por este se encontrar entre o filho dela e o trono de Wessex. Mas eu gostava de Æthelstan. Gostava dele o suficiente para querer que alcançasse o trono que lhe pertencia por direito de nascença. Contudo, para ser rei, teria primeiro de aprender as responsabilidades de

um homem e, assim sendo, entregara-lhe o comando da fortaleza e da frota de Brunanburh.

E, agora, já não havia frota. Estava queimada. Os cascos fumegavam ao lado dos remanescentes chamuscados do desembarcadouro que nos demorara um ano a construir. Havíamos feito flutuar pilhas de olmos até junto da praia deixada a descoberto pela maré-baixa e arrancado o passadiço de junto da linha de água, para aí formarmos um cais onde pudesse encontrar-se sempre pronta uma frota de guerra. Agora o cais tinha desaparecido, juntamente com os barcos lustrosos de proa alta. Quatro dessas embarcações encontravam-se encalhadas acima da linha de água e continuavam a fumegar, das outras restava apenas o esqueleto carbonizado na água pouco funda, enquanto no final do desembarcadouro se encontravam três barcos exibindo cabeças de dragão, ancorados contra as pilhas de madeira comidas pelo fogo. Para lá destes estavam mais cinco desses barcos, os remos a serem usados para manterem o casco firme contra a corrente do rio e da maré que vazava. A restante frota inimiga mantinha-se mais acima, a uma distância de meia milha.

E, em terra, entre nós e o cais ardido, havia homens. Envergavam cota de malha e estavam munidos de escudos, elmos, lanças e espadas. Eram talvez uns duzentos guerreiros e arrebanhavam o pouco gado que podiam encontrar, impelindo os animais na direção da margem do rio, onde eram entregues à matança, para que pudessem transportar a carne. Olhei para o forte. Ali, Æthelstan comandava cento e cinquenta homens e eu podia vê-los alinhados no topo da muralha, porém não faziam qualquer tentativa para impedirem a retirada do inimigo.

— Vamos matar alguns daqueles canalhas — anunciei.

— Senhor? — perguntou-me Finan, preocupado com o número superior de adversários.

— Eles vão fugir — disse-lhe. — Querem a segurança dos seus barcos, não pretendem combater em terra.

Puxei pela Bafo de Serpente. Os nórdicos desembarcados estavam todos a pé e encontravam-se dispersos. A maioria estava perto da ponta extrema de acesso a terra do desembarcadouro queimado, onde poderiam formar rapidamente uma barreira de escudos, mas cerca de uma dúzia deles ocupava-se do gado. Fomos na direção destes.

E eu estava em fúria. Comandava a guarda da casa de Ceaster e Brunanburh fazia parte dessa guarda. Tratava-se de uma fortaleza periférica, que havia sido surpreendida, a sua frota incendiada. Eu queria que escorresse

sangue no alvorecer. Beije o punho de Bafo de Serpente, depois esporeei o cavalo e descemos pelo declive pouco íngreme em pleno galope, puxadas as espadas, erguidas as lanças. Desejei ter comigo uma lança, mas era tarde de mais para qualquer arrependimento. Os homens que incitavam o gado viram-nos e puseram-se a correr, porém encontravam-se nos terrenos enlameados e o gado estava a entrar em pânico, enquanto os nossos cascos batiam com estrondo na turfa húmida de orvalho. O grupo maior do nosso inimigo estava a formar uma barreira de escudos, ali, onde os restos carbonizados do cais alcançavam terra seca, mas eu não tinha a intenção de combatê-los.

— Quero prisioneiros! — berrei aos meus homens. — Quero prisioneiros!

Uma das embarcações nórdicas arrancou em direção à praia, ou para trazer um reforço aos homens em terra ou para lhes servir à fuga. Milhares de pássaros brancos ergueram-se das águas, chamando e lançando gritos, voando em círculo por cima da pastagem onde havia sido formada a barreira de escudos. Vi uma bandeira ao alto, entre os escudos encaixados uns nos outros, mas não tive tempo para olhar para o símbolo exibido, porque o meu cavalo galopava célere pelo trilho fora, descia pela margem do rio e alcançava já o cais.

— Prisioneiros! — tornei a gritar. Passei por um boi que fora abatido, o seu sangue a espalhar-se grosso e negro na lama. Os homens haviam começado a talhá-lo, porém tinham fugido ao avistarem-nos e, então, já eu me encontrava no meio daqueles fugitivos e usei a parte lisa da Bafo de Serpente para deitar um deles ao chão. Voltei-me. O meu cavalo escorregou na lama, relinchou e ergueu as patas dianteiras, e ao descer novamente vali-me do seu peso para enterrar Bafo de Serpente no peito de um segundo fugitivo. A lâmina perfurou-lhe ainda o ombro, enterrou-se profundamente, o sangue borbulhou-lhe da boca e eu esporeei o garanhão para, assim, arrancar a espada em peso do peito do homem que morria. Finan passou ao meu lado, depois o meu filho, segurando baixo a sua espada, Bico de Corvo, e, inclinando-se na sela, desferiu-a nas costas de um deles, que fugia. Um nórdico de olhos selváticos balanceou o machado na minha direção, que evitei com destreza; depois a lança de Berg Skallagrimmerson atravessou a coluna vertebral do homem, as suas entranhas, reaparecendo a ponta luzidia e ensanguentada junto à barriga. Berg cavalgava sem elmo, o cabelo claro, comprido como o de uma mulher, percorrido por fitas e pequenos ossos decorativos. Sorriu-me de orelha a orelha ao largar o cabo da lança e puxou pela espada.

— Arruinei a cota de malha dele, senhor!

— Eu quero prisioneiros, Berg!

— Mas primeiro ainda mato alguns canalhas, sim? — Esporeou o cavalo para fora do alcance da minha voz, ainda a exhibir um sorriso largo. Era um guerreiro nórdico de talvez dezoito ou dezanove anos de idade, porém já conduzira um barco até ao cabo Horn, na ilha de fogo e gelo situada no Atlântico, a uma distância considerável, tal como já combatera na Irlanda, na Escócia, em Gales, e tinha um repertório de histórias de remar para o interior de terras ao longo de rios que atravessavam florestas de bétulas, as quais, assim afirmava, cresciam a leste do território dos homens do Norte. Havia ali monstros de gelo, contara-me, e lobos do tamanho de garanhões. — Poderia ter morrido mil vezes — disse-me, mas ele apenas estava vivo porque eu o salvara. Tornara-se um dos meus homens, prestara-me juramento, e, ao meu serviço, tomou a cabeça de um dos fugitivos com um só golpe de espada. — Sim! — berrou, voltando-se para mim. — Afiei bem esta lâmina!

Finan encontrava-se perto da margem, perto o suficiente para que um homem dentro do barco que se aproximava lhe atirasse com a lança. A arma ficou espetada na lama e Finan, exibindo um ar de desdém, curvou-se na sua sela para a recuperar, depois esporeou o seu cavalo para junto de um homem caído na lama e ensanguentado. Finan olhou de volta para o barco, certificando-se de que estaria a ser observado, e ergueu a lança, pronto para enterrá-la no abdómen do ferido. Pausou e, para minha surpresa, atirou a arma para o lado. Desmontou e ajoelhou-se junto do homem caído, falou com ele durante um momento e tornou a colocar-se de pé.

— Prisioneiros, — gritou, — precisamos de prisioneiros!

Da fortaleza soou um corno, e eu voltei-me e deparei com guerreiros a saírem aos magotes dos portões de Brunanburh. Acorriam com escudos, lanças e espadas, prontos para formarem uma barreira que atiraria a do inimigo para as águas do rio, porém, os invasores já estavam de partida e não necessitavam de um empurrão nosso. Passavam agora pelas pilhas de madeira do cais em ruínas, contornavam já os barcos a fumegarem, a fim de treparem a bordo da sua embarcação mais próxima. O barco que se aproximava fez uma pausa, os remos a revolverem as águas rasas, relutante em encarar os meus homens, que gritavam impropérios à tripulação, esperando por ela na margem do rio com as espadas em punho e erguidas as lanças ensanguentadas. Mais fugitivos avançavam com dificuldade em direção aos barcos que exibiam cabeças de dragão.

— Deixem-nos ir! — gritei. Quisera ver correr o sangue no alvorecer, porém não havia qualquer vantagem em chacinar um punhado de homens dentro do Mærse em baixa-mar, perdendo talvez uma dúzia dos meus. A frota principal do inimigo, que conteria centenas de guerreiros, deslocava-se já rio acima. Para a enfraquecer, pensei, precisaria de matar aquelas centenas de homens, não apenas um punhado deles.

As tripulações dos barcos mais próximos escarneciam de nós. Observei os homens a serem içados para bordo e perguntei-me de onde viera aquela frota. Há anos que não via tantos barcos nórdicos. Esporeei o cavalo e aproximei-me da margem da corrente. Um homem arremessou uma lança, mas sem o alcance suficiente, e eu embainhei deliberadamente a Bafo de Serpente para demonstrar-lhes que aceitava o término da luta e vi um homem mais velho segurar no cotovelo de um jovem, a impedi-lo de arremessar mais uma lança. Acenei com a cabeça ao homem de barba grisalha, que assentiu, levantando uma mão.

Quem eram eles, então? Iríamos sabê-lo pelos prisioneiros, não tardava, e nós tínhamos capturado quase vinte deles e estavam a ser despojados das suas cotas de malha, elmos e objetos valiosos. Finan encontrava-se de novo ajoelhado junto do ferido, a falar com ele, e eu esporeei o meu cavalo na direção deles, depois parei, admirado, porque Finan levantara-se e urinava agora em cima do homem, que batia fracamente com uma mão enluvada no atormentador.

— Finan? — chamei-o.

Ignorou-me. Falava com o prisioneiro no seu irlandês nativo e o homem respondia-lhe na mesma língua. Finan riu-se, depois pareceu maldizê-lo, entoando palavras distintamente brutas, esticando os dedos na direção daquele rosto molhado de urina, como se proferisse um feitiço. Reconheci que o que quer que estivesse ali a acontecer não me dizia respeito e olhei para trás, para as embarcações na extremidade do cais ardido, a tempo de vislumbrar o porta-estandarte do inimigo a trepar a bordo do último barco de proa alta. O homem envergava cota de malha e estava com dificuldades em vencer o rebordo e entrar na embarcação, pelo que entregou o estandarte a outro e levantou os dois braços para ser içado para o interior do barco com a ajuda de mais dois guerreiros. E eu reconheci o símbolo que exibia e mal pude acreditar no que estava a ver.

Haesten?

*

HAESTEN.

Se este mundo era habitado por um ser humano desvalido, traiçoeiro e peganhento, esse pedaço de esterco era Haesten. Conhecia-o desde sempre, na verdade fora eu quem salvara em tempos a vida daquele miserável e ele, então, jurara-me lealdade, fechando as suas mãos sobre as minhas, que agarravam o punho da Bafo de Serpente, e ele havia derramado lágrimas de gratidão enquanto prometia ser um dos meus homens, defender-me, servir-me, recebendo em troca o meu ouro, a minha lealdade e, decorridos poucos meses, já ele havia quebrado o juramento e lutado contra mim. Jurara a paz em relação a Alfredo e quebrara também essa promessa. Liderara exércitos para assolarem o Wessex e a Mércia até que, por fim, em Beamfleit, eu conseguira encurralar os seus guerreiros e as angras e os pântanos tornaram-se negros com o sangue que correu. Enchêramos as valas com os mortos deles, os corvos haviam-se regozijado naquele dia, porém Haesten tinha escapado. Perdera o seu exército, mas não a astúcia, e ele viera de novo, então ao serviço de Sigurd Thorrson e de Cnut Ranulfson, que morreram noutra chacina, porém Haesten escapuliu-se mais uma vez.

Agora voltava, o seu estandarte a exhibir um crânio branco em cima de uma estaca, que zombava de mim do barco mais próximo, o qual se afastava. Os homens a bordo gritavam impropérios e o porta-estandarte abanava o símbolo do crânio de um lado para o outro. À frente desse barco havia uma embarcação maior, na proa um enorme dragão com a boca aberta ao alto, mostrando as presas, e, na popa desse barco, pude distinguir um homem com um elmo prateado coroado por penas negras de corvo. Tirou o elmo, fez-me uma vénia sarcástica e vi que era Haesten. Ele ria-se. Incendiara a minha frota e roubara algum gado e, para Haesten, era vitória que bastasse. Não se tratava de uma vingança pela derrota em Beamfleit, para isso teria de matar-me e aos meus homens para equilibrar a balança sangrenta, porém fizera-nos passar por tolos e abriu, de facto, o Mærse a uma frota inteira de homens do Norte, que agora remavam rio acima. Uma frota de inimigos que viera no intuito de tomar as nossas terras, liderada por Haesten.

— Como é possível um canalha como o Haesten liderar tantos homens? — dei por mim a perguntar em voz alta.

— Não os lidera. — O meu filho desmontara o cavalo e conduzira-o até às águas rasas; estava ao meu lado.

— Não os lidera?

— É o Ragnall Ivarson quem está à frente daqueles homens.

Nada lhe disse, mas senti um arrepio a percorrer-me o corpo. Ragnall Ivarson era um nome que eu conhecia, um nome que havia espalhado o medo pelo Norte e o Sul do mar da Irlanda. Era um nórdico que se autoprotomava rei dos mares, pois as suas terras encontravam-se dispersas pelos lugares onde o mar mais revoltado bate em areia ou rocha. Governava onde as focas nadavam e os papagaios-do-mar voavam, onde os ventos uivavam e os barcos naufragavam, onde o frio cortava como uma navalha e as almas dos náufragos gemiam na noite. Este homem havia capturado as ilhas selvagens da Escócia, arrancara terras à costa da Irlanda e tomara escravos em Gales e na ilha de Mann. O dele era um reino sem fronteiras, pois, sempre que um inimigo se tornava forte de mais, os homens de Ragnall retiravam-se para os seus barcos e navegavam para outra costa selvagem. Havia feito incursões nas praias do Wessex, levando consigo escravos e gado, e haviam mesmo navegado pelo rio Sæfern a fim de ameaçarem Gleawecestre, se bem que a muralha daquela fortaleza os tivesse desencorajado. Ragnall Ivarson. Nunca havia estado com ele face a face, mas conhecia-o. Conhecia a reputação dele. Ninguém conduzia um barco com tanta destreza como ele, nenhum homem combatia mais ferozmente, ninguém era mais temido do que ele. Era um selvagem, um pirata, um rei feroz de nenhures, e a minha filha Stiorra era casada com o irmão dele.

— E o Haesten jurou lealdade ao Ragnall — continuou a dizer o meu filho. Observávamos o afastamento dos barcos. — O Ragnall Ivarson — ainda olhava a frota enquanto falava — desistiu das suas terras irlandesas. Ele terá dito aos seus homens que, por destino, lhe está garantida a Bretanha.

Haesten era um nada, pensei. Uma ratazana aliada a um lobo, um par-dal esfarrapado que se empoleirara na asa de uma águia.

— O Ragnall abandonou as suas terras irlandesas? — indaguei.

— É o que os homens dizem. — O meu filho gesticulou na direção dos prisioneiros. Grunhi. Sabia pouco sobre o que acontecia na Irlanda, porém, durante os últimos anos, haviam chegado notícias acerca dos homens do Norte, que estariam a ser impelidos para longe daquelas terras. Barcos haviam atravessado os mares com sobreviventes de lutas ferozes, e homens que tinham pensado em tomar terras na Irlanda dirigiam-se agora a Cumbraland ou navegavam a costa galesa, chegando alguns a irem mesmo até à Nêustria ou ao reino franco.

— O Ragnall é poderoso, — falei, — por que razão abandonaria, assim simplesmente, a Irlanda?

— Porque os irlandeses o persuadiram a ir embora.

— Persuadiram-no?

O meu filho encolheu os ombros.

— Eles têm feiticeiros. Feiticeiros cristãos, que conseguem ver o futuro. Disseram que o Ragnall iria ser o rei de toda a Bretanha, se abandonasse a Irlanda, e deram-lhe guerreiros à despedida. — Apontou com a cabeça para a frota. — Naqueles barcos encontram-se mais de mil guerreiros irlandeses.

— Rei da Bretanha?

— Foi o que um dos prisioneiros nos contou.

Cuspi no chão. Ragnall não era o primeiro homem a acreditar que poderia vir a governar a ilha inteira da Bretanha.

— De quantos guerreiros dispõe?

— De mil e duzentos.

— Tens a certeza?

O meu filho sorriu.

— O pai ensinou-me muito bem.

— Que foi que te ensinei?

— Que a ponta de uma lança espetada no fígado de uma pessoa pode ser bastante persuasiva.

Observei os últimos barcos a remarem na direção leste. Em breve estariam fora do alcance da nossa vista.

— Beadwulf! — chamei. Era um homem pequeno e robusto, o rosto decorado com linhas de tinta ao estilo dinamarquês, embora fosse saxão. Era um dos meus melhores batedores, um homem capaz de atravessar um campo aberto como se de um fantasma se tratasse. Acenei com a cabeça para os barcos que desapareciam. — Leva contigo uma dúzia de guerreiros — disse a Beadwulf — e segue aqueles canalhas. Quero saber onde vão desembarcar.

— Senhor — anuiu, e começava a retirar-se.

— E Beadwulf! — tornei a chamar, e ele voltou-se. — Tenta reconhecer as bandeiras deles, — acrescentei, — procura sobretudo pelo símbolo de um machado vermelho! Se vires um machado vermelho, quero sabê-lo com a maior rapidez!

— O machado vermelho, senhor — repetiu, e desapareceu.

O machado vermelho era o símbolo de Sigtryggr Ivarson, o marido da minha filha. Os homens chamavam-lhe Sigtryggr, *o Zarolho*, desde que eu lhe tirara a vista direita com a ponta da lâmina de Bafo de Serpente. Ele havia atacado a fortaleza de Ceaster e fora corrido de lá, porém, na sua

derrota, levava Stiorra com ele. Stiorra não o acompanhou como uma cativa, mas como amante e, de vez em quando, eu recebia novas. Ela e Sigtryggr possuíam terras na Irlanda, e a minha filha escrevia-me, pois fizera com que ela aprendesse a ler e a escrever. «Cavalgamos sobre a areia», escrevera-me, «e subimos as colinas. Isto aqui é belo. Mas eles detestam-nos.» Tiveram uma filha, a minha primeira neta, e esta recebeu o nome de Gisela, como a avó. «A Gisela é tão linda», escrevera-me, «mas os sacerdotes irlandeses amaldiçoam-nos. À noite proferem aos gritos as suas maldições, assemelhando-se a aves selvagens a morrerem. Adoro este lugar. O meu marido manda-lhe cumprimentos.»

Os homens sempre reconheceram que Sigtryggr era o mais perigoso dos dois irmãos. Diziam que a sua inteligência era superior à de Ragnall e as suas artes de espadachim afiguravam-se lendárias, porém, a perda do olho, ou talvez o casamento com Stiorra, acalmou-o. Corria o boato que Sigtryggr estava contente em lavrar as suas terras, pescar nos seus mares e defender as suas terras, mas permaneceria ele satisfeito ao saber que o irmão se lançava na conquista da Bretanha? Fora por isso que eu ordenara a Beadwulf que prestasse atenção às bandeiras, se entre elas se encontraria o símbolo do machado vermelho. Queria saber se o marido da minha filha se havia tornado meu inimigo.

O príncipe Æthelstan encontrou-me quando os últimos barcos da frota inimiga desapareceram da nossa vista. Vinha acompanhado de meia dúzia de homens, todos eles montados em grandes garanhões.

— Senhor, — chamou ao aproximar-se, — lamento muito!

Fiz um aceno de mão para o calar, prestando de novo atenção a Finan. Este gritava furiosamente com o ferido deitado a seus pés, e o homem berrava-lhe de volta, e eu não precisei de saber nenhuma daquelas estranhas línguas irlandesas para perceber que trocavam maldições. Em raras ocasiões vira Finan tão irritado. Deitava perdigotos ao soltar palavras furiosas, lançava pragas, gritando as palavras ritmadas com o peso de marteladas. As suas palavras derrotaram o oponente que, já de si ferido, parecia perder forças sob o ataque dos insultos. Os homens olhavam boquiabertos para aqueles dois, espantados com a raiva deles, e então Finan levantou a lança que havia deitado ao solo. Voltou-se de novo para a sua vítima, proferiu mais umas palavras, enquanto levava a mão ao crucifixo em redor do pescoço. Depois, qual sacerdote a segurar a hóstia, ergueu a lança com ambas as mãos, a ponta para baixo, levantando-a ainda mais. Pausou, depois falou em inglês.

— Que Deus me perdoe — proferiu.

Então desceu a lança com toda a força, gritando com a energia empregue no ato, e enterrou a lâmina através da cota de malha e dos ossos do peito do homem, e este soergueu-se com o impacto, e o sangue jorrou da sua boca, por frações de segundos agitaram-se as pernas e os braços, depois nada mais nele se mexeu e estava morto, de boca escancarada, preso à rocha da margem do rio por uma lança, a qual lhe perfurara, de um só golpe, o coração e o solo por debaixo do mesmo.

Finan chorava.

Aproximei-me com o meu cavalo e pus-lhe uma mão no ombro. Finan era meu amigo, o mais antigo deles todos, o meu companheiro de uma centena de barreiras de escudo.

— Finan? — perguntei-lhe, mas ele não me respondeu. — Finan! — tornei a dizer.

E desta vez ergueu a cabeça e olhou-me, e havia lágrimas a correrem-lhe pelas faces e uma tristeza profunda nos olhos dele.

— Eu penso que era o meu filho — disse, por fim.

— Ele era quem? — perguntei, aterrado.

— Filho ou sobrinho, não o sei. Que Cristo me ajude, não o sei. Mas matei-o.

E afastou-se.

*

— LAMENTO MUITO — REPETIU ÆTHELSTAN, NO MESMO TOM MISERÁVEL de Finan. Olhava fixamente o fumo a flutuar sobre o rio. — Eles vieram de noite, — disse-me, — e nós apenas demos pela presença deles quando o fogo começou. Sinto muito. Falhei consigo.

— Não sejas tolo — rosnei-lhe. — Não podias ter impedido aquela frota! — Gesticulei na direção da curva desenhada pelo rio, onde havia desaparecido o último barco da frota do Rei dos Mares, por detrás de uma fileira de árvores. Um dos nossos barcos em chamas colapsou e ouviu-se um som sibilante quando o vapor de água engrossou o fumo.

— Eu quis lutar contra eles — disse Æthelstan.

— Então és mais tolo do que eu pensava — retorqui.

Franziu as sobrancelhas, depois apontou para as embarcações a arderem e a carcaça desmembrada de um boi.

— Eu queria ter evitado tudo isto! — insistiu Æthelstan.

— Tens de escolher as tuas batalhas — falei-lhe em tom severo. — Tu estavas seguro atrás da tua muralha, então para quê perder homens? Não poderias impedir aquela frota. Além disso, eles queriam mesmo que saíesses da fortaleza para combatê-los e é imprudente fazer aquilo que o inimigo quer que façamos.

— Foi o que eu lhe disse, senhor — interveio Rædwald. Era um merciano mais velho, um homem cauteloso que eu posicionara em Brunanburh para aconselhar Æthelstan. O príncipe comandava a guarda da casa, porém era jovem, pelo que lhe disponibilizara meia dúzia de guerreiros mais experientes e sábios, a fim de o impedirem de cometer erros de juventude.

— Eles queriam que saíssemos da fortaleza? — indagou Æthelstan, intrigado.

— Onde achas que preferiam combater-te? — perguntei-lhe. — Contigo atrás da muralha? Ou no exterior, uma barreira de escudos contra outra barreira de escudos?

— Eu também lhe disse isso, senhor! — tornou a interpor Rædwald. Ignorei-o.

— Escolhe as tuas batalhas — rosnei a Æthelstan. — Esse espaço que tens entre as orelhas foi-te dado para pensares! Se te limitas a passar à carga sempre que um inimigo te provoca, escavarás cedo a tua cova.

— Eu disse-lhe... — recomeçou Rædwald.

— Também lhe disseste isso, eu sei! Agora cala-te! — Olhei a extremidade longínqua do rio ermo. Ragnall trouxera com ele um exército para a Bretanha, mas o que iria fazer? Necessitava de terras para alimentar os seus homens, precisava de fortalezas para os proteger. Ele passara por Brunanburh; teria ele a intenção de se voltar agora para Ceaster? A muralha romana tornava aquela cidade uma boa base para o seu exército, porém era igualmente um obstáculo formidável. Portanto, para onde iria ele?

— Mas foi o que fez! — interrompeu Æthelstan o fio do meu pensamento.

— Fiz o quê?

— Foi ao encontro do inimigo! — Olhava-me, indignado. — Ainda agora! Desceu a colina e atacou, apesar de o inimigo ter vantagem numérica.

— Precisava de prisioneiros, seu homenzinho miserável sem desculpa.

Quería saber como Ragnall havia chegado rio acima, no meio da escuridão. Tivera uma sorte incrível, ou negociara para que os bancos do Mærse ficassem sem demais barcos a circularem naquela altura, ou era um navegador ainda melhor do que a reputação dele fazia prever. Assistíramos a uma

façanha de marinharia tão impressionante quanto desnecessária. A frota dele era enorme, enquanto nós dispúnhamos apenas de uma dúzia de barcos. Poderia ter-nos sacudido para o lado sem perder sequer o ritmo das remadas, contudo decidira atacar durante a noite. Porque correria riscos?

— Não queria que bloqueássemos o canal — sugeriu o meu filho, e era provável ser essa a verdade. Se tivéssemos recebido um aviso prévio, com uma hora de antecedência que fosse, teríamos afundado os nossos barcos no canal principal do rio. A frota de Ragnall teria passado, eventualmente, mas ver-se-ia forçada a esperar pela maré-cheia para o efeito, tal como os seus barcos maiores teriam a passagem bem mais dificultada e, entretanto, teríamos enviado os nossos mensageiros para a parte superior do rio, a fim de nos assegurarmos de que outras barricadas bloqueavam o Mærse, tal como teria havido muitos homens a esperarem pela chegada dos barcos. Mas, ao invés disso, passara por nós facilmente, ferira-nos e já se encontrava a navegar para o interior da Bretanha.

— Foram os frísios — disse Æthelstan, inconsolável.

— Os frísios?

— Três barcos de mercadores chegaram ontem à noite, senhor. Ancoraram no rio. Traziam couros de Dyflin.

— Mandaste inspecioná-los?

Abanou a cabeça em sinal negativo.

— Diziam estar com a peste, senhor.

— Portanto, não ordenaste que se fosse a bordo.

— Tendo eles a peste, não, senhor. — A guarda da casa de Brunanburh tinha o dever de inspecionar cada barco que entrasse no rio, principalmente para exigir uma taxa pela carga que trouxesse. Porém, ninguém iria a bordo de uma embarcação portadora de doença. — Diziam trazer couros com eles, senhor, e pagaram os impostos.

— E vocês não insistiram?

Acenou desgostoso com a cabeça em sinal afirmativo. E os prisioneiros contaram-me o resto. Os três barcos de mercadores haviam ancorado na parte mais estreita do canal do Mærse, no local onde uma frota enfrenta o perigo maior de naufragar, e tinham acendido lanternas a fim de guiarem as embarcações de Ragnall e as afastarem de danos possíveis. A maré ajudara. Se deixarmos um barco flutuar, ele seguirá a corrente mais célere no canal mais profundo, e, tendo passado pelos mercadores, Ragnall permitira simplesmente que a maré enchente o transportasse até ao nosso cais. Ali incendiara os nossos barcos, juntamente com o cais, para que a sua própria

frota pudesse dispor do rio já sem qualquer impedimento. Podiam agora vir os reforços do seu reino marítimo. Ele despedaçara a nossa defesa junto do Mærse e andava à solta pela Bretanha, acompanhado de um exército.

Deixei que Æthelstan decidisse o que fazer com os prisioneiros. Eram catorze, ao todo, e o rapaz decidiu que fossem executados.

— Espere pela baixa-mar, — ordenou a Rædwald, — depois ate-os às estacas. — Apontou com a cabeça na direção da madeira empilhada, chamuscada, que ressaltava dos ângulos mais estranhos dos redemoinhos do rio. — Que se afoguem na maré que sobe.

Eu já enviara Beadwulf na direção leste, mas apenas esperava ter novas dele no dia seguinte. Ordenei a Sihtric que mandasse homens para sul.

— Devem cavalgar rapidamente, — disse-lhe, — e contar à senhora Æthelflæd o sucedido. Digam-lhe que eu preciso de homens, de muitos homens, preciso de todos os guerreiros dela!

— Em Ceaster? — perguntou-me Sihtric.

Abanei a cabeça, pensativo.

— Digam-lhe que os envie para Liccelfeld. E que eu também vou para lá, — voltei-me e apontei para Æthelstan, — e você vem comigo, senhor Príncipe. Traga a maior parte da guarda da casa de Brunanburh consigo. E este — olhei para Rædwald — ficará aqui, a defender o que resta. Pode ficar com cinquenta homens.

— Cinquenta! Isso não chega...

— Quarenta, então, — rosnei-lhe, — e se perder a fortaleza, retiro-lhe os rins à navalhada e como-os.

Estávamos em guerra.

*

FINAN ENCONTRAVA-SE JUNTO À LINHA DE ÁGUA, SENTADO EM CIMA DE UM toro de madeira que flutuara do rio até ali.

— Agora fala-me daquilo que aconteceu — disse-lhe, apontando para o corpo ainda fixo ao solo pela lança.

— O que quer saber?

— O que me quiseres contar.

Sentei-me ao lado dele e permanecemos em silêncio. Gansos sobrevoavam-nos, as suas asas a baterem na manhã. Um aguaceiro breve passou por nós. Um dos corpos soltou a sua flatulência.

— Nós vamos para Liccelfeld — disse-lhe.

Finan anuiu.

— Porquê Liccelfeld? — perguntou após um momento. A questão fora colocada por dever. Ele não estava a pensar em Ragnall ou nos homens do Norte ou noutra coisa qualquer que não fosse aquele corpo junto ao rio trespassado por uma lança.

— Porque eu não sei para onde vai o Ragnall, — expliquei-lhe, — mas de Liccelfeld podemos ir facilmente para norte ou para sul.

— Para norte ou para sul — repetiu, absorto.

— O canalha precisa de terras — disse-lhe, — e ele vai tentar arrancá-las ao Norte da Mércia ou ao Sul da Nortúmbria. Temos de detê-lo e depressa.

— Ele irá para o Norte — acabou por dizer Finan, embora falasse ainda sem pensar. — O que ganharia em entrar em conflito com a Mércia?

Suspeitei que tivesse razão. A Mércia havia-se tornado poderosa, as suas fronteiras protegidas por fortalezas, cidades fortificadas, enquanto a norte se estendiam as terras problemáticas da Nortúmbria. Tratava-se de terras dinamarquesas, porém os seus lordes encontravam-se em querelas e lutas constantes entre eles. Um homem poderoso como Ragnall poderia uni-los. Eu já dissera repetidamente a Æthelflæd que deveríamos marchar para norte e tomarmos nós próprios as terras dos dinamarqueses turbulentos, ela, porém, não invadiria a Nortúmbria sem que o irmão, Eduardo, trouxesse o exército saxão ocidental para a apoiar.

— Quer o Ragnall se dirija para o Norte ou venha para o Sul, — respondi-lhe, — é agora que temos de combatê-lo. Acabou de chegar, não conhece o território. O Haesten sim, claro, conhece-o, mas até que ponto confiará o Ragnall naquele pedaço de caca de doninha? E, tendo em conta o que os prisioneiros nos disseram, as tropas que constituem o exército do Ragnall nunca combateram juntas, portanto, temos de o atacar agora, em força, antes que ele tenha tempo de encontrar refúgio, antes que se sinta em segurança. Fazemos-lhe o mesmo que os irlandeses, fazemos com que se sinta indesejado.

Fez-se de novo silêncio. Eu observava os gansos, à procura de um augúrio no número que perfaziam, mas eram demasiadas aves para as conseguir contar. Contudo, o ganso era o símbolo de Æthelflæd, portanto certamente que a presença deles seria um bom sinal? Levei a mão ao símbolo do martelo que trazia em redor do pescoço. Finan reparou no gesto e franziu as sobrancelhas. Então segurou no crucifixo que pendia do pescoço dele e, com um esgar repentino, puxou-o com a força suficiente para rasgar o

fio em couro. Olhou por um momento para a cruz prateada, para depois a atirar para a corrente do rio.

— Eu vou para o Inferno — proferiu.

Por instantes, não soube o que dizer-lhe.

— Bem, assim sendo, ficaremos juntos — acabei por sugerir.

— Pois — respondeu, ainda sem sorrir. — Um homem que mata uma pessoa do seu próprio sangue está condenado.

— São os padres cristãos que te dizem isso?

— Não.

— Como sabes, então?

— Sei-o, e pronto. Foi por isso que o meu irmão não me matou, há tanto tempo. Preferiu vender-me àquele canalha mercador de escravos.

Fora assim que Finan e eu nos conhecêramos, acorrentados como escravos que éramos a um banco e a puxarmos por remos longos e pesados. Continuávamos com a marca da escravatura gravada na pele, se bem que o mercador estivesse morto há muito tempo, chacinado que fora por Finan na sua fúria de vingança.

— Por que motivo quereria o teu irmão matar-te? — perguntei-lhe, ciente de que tocava num assunto melindroso. Durante todos aqueles anos da nossa longa amizade, nunca conseguira saber por que razão Finan fora exilado da sua Irlanda.

Fez um esgar.

— Por causa de uma mulher.

— Surpreende-me — disse-lhe em tom irónico.

— Eu era casado — continuou a falar, como se não me tivesse ouvido. — Era uma boa mulher, uma filha real de Uí Néill, e eu era um príncipe do meu povo. Tal como o meu irmão, o príncipe Conall.

— Conall — pronunciei, após alguns segundos de silêncio.

— Existem reinos pequenos na Irlanda — disse sombriamente, fixando os olhos na água. — Reinos pequenos e grandes reis, e nós lutamos. Céus, como adoramos lutar! Aqueles que pertencem às dinastias Uí Néill são os maiores, claro, pelo menos no Norte. Nós éramos seus vassalos. Pagávamos-lhes impostos. Lutávamos para eles, quando assim o exigiam, bebíamos com eles e desposávamos as suas boas mulheres.

— E casaste-te com uma mulher de Uí Néill? — incitei-o.

— O Conall é mais novo do que eu — disse, ignorando a minha pergunta. — Eu deveria ter sido o próximo rei, mas o Conall conheceu uma criada ao serviço da dinastia Ó Domhnaill. Ah, meu Deus, mas ela era

bela! Não tinha berço! Não era a filha de um chefe, apenas uma rapariga vulgar que trabalhava na vacaria. E era linda — falou em tom nostálgico, os olhos a brilharem, rasos de água. — Tinha o cabelo da cor da noite e olhos como estrelas e um corpo tão gracioso como o de um anjo em pleno voo.

— E ela chamava-se...? — indaguei.

Abanou a cabeça abruptamente, rejeitando a minha pergunta.

— E Deus nos ajude quando nos apaixonamos. Fugimos. Tomámos cavalos e galopámos para o Sul. Apenas eu e a esposa do Conall. Pensámos em cavalgar, esconder-nos e nunca mais sermos encontrados.

— E o Conall perseguiu-vos — deduzi.

— Os Uí Néill perseguiram-nos. Sabe Deus a caçada que foi. Todos os cristãos da Irlanda sabiam de nós, do ouro que lhes cabia se nos encontrassem, e, sim, o Conall juntou-se aos Uí Néill.

Nada disse. Fiquei à espera.

— Nada permanece oculto na Irlanda — continuou Finan. — É impossível escondermo-nos. As pessoas pequenas veem-nos, as comunidades veem-nos. Podemos ir para uma ilha no meio de um lago, e eles saberão que estamos ali. Podemos subir ao topo de uma montanha, e eles saberão que estamos ali. Podemos esconder-nos numa gruta, e eles virão atrás de nós, como se fôssemos caça. Devíamos ter tomado um barco. Mas não sabíamos.

— E eles encontraram-vos.

— Encontraram-nos, e o Conall prometeu tornar a minha vida pior do que a morte.

— Ao vender-te ao Sverri? — Sverri era o mercador de escravos que nos marcara a ferro quente.

Acenou com a cabeça.

— Fui despojado do meu ouro, chicoteado, obrigado a rastejar pelas fezes dos Uí Néill e depois vendido ao Sverri. Sou o rei que nunca o foi.

— E a rapariga?

— O Conall tomou a minha esposa Uí Néill como sua. Os sacerdotes permitiram-no, encorajaram-no, e ele educou os meus filhos como sendo dele. Eles amaldiçoaram-me. Aquele ali — apontou com a cabeça para o corpo — acabou de me amaldiçoar. Eu sou o traidor, o amaldiçoado.

— E ele é teu filho? — perguntei em tom suave.

— Ele não mo quis dizer. Podia ser meu filho. Ou do Conall. É do meu sangue, de uma forma ou de outra.

Caminhei para junto do homem morto e coloquei a minha bota esquerda sobre o abdómen dele, a fim de libertar a lança. Foi uma luta, e o corpo emitiu um som de sucção perverso quando, por fim, consegui retorcer e puxar a lâmina inteira. Tinha um crucifixo manchado de sangue sobre o peito.

— Os sacerdotes hão de enterrá-lo, — falei a Finan, — rezarão por ele. — Arremessei a lança para as águas rasas e voltei a minha atenção de novo para Finan. — O que aconteceu à rapariga?

Ele olhava fixamente o nada para lá do rio manchado de negro pelas cinzas dos nossos barcos.

— Durante um dia, — acabou por dizer, — os homens Uí Néill puderam fazer com ela o que quiseram. Obrigaram-me a ver. E depois foram misericordiosos, senhor. Mataram-na.

— E o teu irmão, — perguntei-lhe, — enviou homens para ajudarem o Ragnall?

— As dinastias Uí Néill enviaram guerreiros para ajudarem o Ragnall. E, sim, é o meu irmão que os lidera.

— E por que razão fariam uma coisa dessas? — questionei.

— Porque os da dinastia Uí Néill querem ser os reis de todo o Norte. Da Irlanda e também da Escócia, de todo o Norte. O Ragnall pode ficar com as terras saxãs. É esse o acordo de ajuda mútua entre eles.

— E vão começar pela Nortúmbria?

— Ou pela Mércia — sugeriu Finan, encolhendo os ombros. — Mas não se ficarão por aí, — continuou a dizer, — porque eles querem tudo.

Era o sonho antigo, aquele que me assombrara toda a vida, o sonho dos nórdicos em conquistarem a Bretanha inteira. Tantas vezes o haviam tentado e estiveram tão perto de serem bem-sucedidos. Contudo, nós, os saxões, continuávamos vivos e a darmos luta, pelo que metade da ilha voltara, agora, a pertencer-nos. Porém, devíamos ter perdido! Os homens do Norte eram selváticos, vinham em fúria e raiva contra nós com os seus exércitos a escurecerem as terras, mas eles tinham um ponto fraco. Eram como cães que lutavam entre eles e, como tal, as suas invasões apenas eram perigosas quando havia um cão mais forte que sabia rosnar e morder e vergá-los à sua vontade. No entanto, bastava uma derrota para destroçar os seus exércitos. Seguiam um homem somente enquanto era vitorioso, mas, se por acaso mostrasse alguma fragilidade, desertavam em massa, à procura de uma presa mais fácil.

E Ragnall liderara um exército até ali. Um exército de homens do Norte

e de dinamarqueses e irlandeses, o que significava que ele havia unificado o nosso inimigo. Isso tornava-o perigoso.

Porém, ele não vergara todos os cães à sua vontade.

Obtive outra informação dos nossos prisioneiros. Sigtryggr, o marido da minha filha, recusara-se a acompanhar o irmão. Ele ainda estava na Irlanda. Beadwulf pensaria de outra forma, pois avistaria a bandeira com o símbolo do machado vermelho e atribuí-la-ia a Sigtryggr, mas dois dos prisioneiros tinham-me dito que ambos partilhavam o mesmo emblema. Era a bandeira do pai falecido, o machado ensanguentado de Ivar, contudo, o estandarte de Sigtrygrr, pelo menos de momento, encontrava-se recolhido. O machado de Ragnall abrira um buraco danado na nossa defesa, porém o de Sigtryggr permanecia na Irlanda. Levei a mão ao meu símbolo do martelo e rezei para que o meu genro mantivesse essa atitude.

— Temos de ir — disse a Finan.

Porque tínhamos de levar Ragnall à derrota.

E pensei que seria melhor, afinal, cavalgarmos para leste.